



Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

banrisul

O trilhão de Musk e o mercado de ações

Maiores fortunas surgem de quem capta dinheiro na bolsa, não de quem investe

O fato de Elon Musk se tornar o primeiro trilionário da história escancara uma verdade que muita gente ignora sobre o mercado de ações, principalmente quem pensa que vai ficar rico comprando o papel certo na hora certa.

Para entrar na Bolsa de Valores, a SpaceX foi avaliada em US\$ 1,77 trilhão. Como Musk tem cerca de 40% da empresa, seu patrimônio, com o novo movimento, passou da casa de um trilhão de dólares. Uma fortuna que, segundo a Oxfam, é maior do que a riqueza acumulada por 46% da população mundial, cerca de 3,8 bilhões de pessoas.

A concentração de riqueza

é óbvia. E uma análise do New York Times chamou atenção para outro aspecto dessa concentração de capital no mundo: grande parte da fortuna dos bilionários está alocada em ações de empresas.

Olhando para essa informação, você deve imaginar que os ricos simplesmente compram ações e, como têm mais dinheiro, lucram mais, em termos absolutos. Essa é uma das explicações, mas existe outro ponto que talvez seja mais importante. E que fica muito claro no caso de Elon Musk.

Ele não ficou trilionário comprando ações da SpaceX. Assim como Jeff Bezos não fez fortuna investindo em papéis da Ama-

zon. Nem a família Gerdau criou um império aplicando em ações da siderúrgica.

Todos eles fizeram o movimento contrário: criaram e compraram empresas, captaram recursos para expandi-las vendendo parte delas ao mercado, mantendo grandes participações nos negócios. A fortuna de Musk não nasceu na bolsa. Ela foi amplificada pela bolsa.

No Brasil, a concentração de ações de empresas nas mãos de fundadores ou controladores é muito chamativa. Segundo dados da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), 32% das empresas listadas aqui têm um único

acionista com mais de metade do capital. Nas 38 países-membros da OCDE, consideradas economias mais desenvolvidas, esse percentual é de 16%.

Quando a análise leva em conta empresas cujos três maiores acionistas ficam com mais da metade do negócio, chegamos ao número de 61% das companhias brasileiras, contra 33% na média dos países da OCDE.

Comprar ações continua sendo uma forma eficiente de participar do crescimento econômico, diversificar patrimônio e proteger riqueza da inflação. Mas as maiores fortunas surgem do outro lado da mesa. De quem usa o mercado para catapultar o pró-

prio negócio. Captando dinheiro, não necessariamente investindo.

A função econômica do mercado financeiro não é, por si, criar concentração, mas conectar poupança e empreendedorismo, permitindo que empresas financeiem expansão, inovação e crescimento. Os bilionários criados nesse meio do caminho tiveram acesso a volumes crescentes de capital em momentos decisivos de sua trajetória.

E a verdade é que sem investidores minoritários nada disso seria possível. Por isso eles deveriam ser protegidos pelas instituições e respeitados por quem tem o controle das companhias, com transparência e boa governança. Sem confiança, não existiriam investidores para dar a liquidez aos empreendedores que, muitas vezes, acabam com a maior fatia do bolo.

Dívida pesando ou caixa apertado?

Com o Desenrola Brasil no Banrisul, você encontra formas de reorganizar as finanças e seguir em frente, seja pessoa física ou empresa.



banrisul

NOVO DESENROLA BRASIL
SAC 0800 646 1515
Ouvidoria 0800 644 2200

Aneel sinaliza reajuste médio de 16,06% nas tarifas da concessionária CPFL RGE

/ ENERGIA

Jefferson Klein
jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Nesta terça-feira, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) irá deliberar sobre o reajuste da CPFL RGE. Se for acompanhado o voto da relatora do processo, a diretora Agnes Maria de Aragão da Costa, consumidores da distribuidora gaúcha terão um aumento de efeito médio nas suas contas de luz de 16,06%.

Para os consumidores de alta tensão (como indústrias e grandes comércios), o reflexo médio projetado é de 19,02% e para os de baixa tensão o incremento esperado é de 14,93% (sendo de 14,97% para o grupo B1 que representa a classe residencial). Na maioria das vezes, a decisão do relator do processo de um reajuste tarifário é acompanhada pelo restante da diretoria da Aneel. Por isso, se não houver surpresas,

esses valores deverão ser validados nesta terça-feira e começar a vigorar na próxima sexta-feira, dia 19.

Durante os procedimentos dos reajustes tarifários das concessionárias, são repassados os custos com a compra e a transmissão de energia e os encargos setoriais que custeiam políticas públicas estabelecidas por meio de leis e decretos. Particularmente nesse processo da CPFL RGE, também contribui para o aumento a recomposição de diferimento tarifário concedido em 2024, devido às enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul e impactaram a economia e o povo gaúcho. O mecanismo de diferimento possibilita a aplicação de um percentual mais baixo de reajuste em um momento para recuperar mais tarde os montantes devidos.

A recomposição tarifária da distribuidora deverá ocorrer nos três processos tarifários subsequentes ao de 2024. No reajus-



Para clientes residenciais o impacto deve ser de 14,97%

te do ano passado já foram restituídos R\$ 383,7 milhões, neste ano o montante deverá ser de R\$ 424,16 milhões e para 2027 a expectativa é de serem repostos R\$ 789,9 milhões (saldo que ainda será atualizado).

A CPFL RGE atende aproximadamente 3,19 milhões de unidades consumidoras, que re-

presentam atualmente um faturamento anual na ordem de R\$ 11,68 bilhões para a concessionária. A companhia é responsável por distribuir 65% da energia elétrica consumida no Rio Grande do Sul, atendendo clientes em 381 municípios das regiões Metropolitana, Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Estado.

Consumo de energia cai em até 8,6% na estreia do Brasil na Copa

O primeiro jogo da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2026, no início da noite do sábado, contra o Marrocos, provocou uma redução considerável na demanda por energia elétrica do Sistema Interligado Nacional (SIN).

Segundo dados do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), houve uma diminuição máxima de 8,6% na carga, na comparação entre o dia do jogo e a carga de referência, do sábado, 30 de maio. Como de costume em dias de Copa, a carga cai no início do jogo, com um repique de consumo durante o intervalo, quando torcedores/consumidores aproveitam para abrir a geladeira ou preparar alguma coisa antes do segundo tempo, volta a cair na segunda metade da partida e tem uma escalada após o fim do jogo. No sábado, cerca de uma hora antes do jogo, a carga observada no SIN chegou a um pico de 91.464 MW.